

36 anos na UTI

Eliana Zagui, 38, está internada no HC desde os dois anos, quando teve paralisia infantil; ela lança hoje seu livro de memórias, escrito com a boca

**CLÁUDIA COLLUCCI
DE SÃO PAULO**

Faz 36 anos que Eliana Zagui vive deitada num leito de UTI do Instituto de Ortopedia do Hospital das Clínicas de São Paulo. Vítima de paralisia infantil aos dois anos, ela perdeu os movimentos do pescoço para baixo. Respira com ajuda de equipamentos.

Na cama, a menina se formou no ensino médio, aprendeu inglês, italiano, fez curso de história da arte e tornou-se pintora. Tudo isso usando a boca para escrever, pintar e digitar. Hoje, lança (só para convidados) seu

primeiro livro: "Pulmão de Aço - uma vida no maior hospital do Brasil" (Bela letra Editora).

Pulmão de aço é o nome de uma máquina, inventada na década de 1920, parecida com um forno. As pessoas com insuficiência respiratória eram colocadas dentro dela, com a cabeça de fora.

Eliana ficou cinco dias lá dentro, mas não funcionou. A pólio havia paralisado completamente o diafragma e a deglutição. Ela teve, então, que ser conectada para sempre a um respirador artificial. Só consegue ficar poucas horas longe do aparelho.

Entre 1955 e o final da década de 70, 5.789 crianças vítimas da pólio foram internadas no HC. Sete delas, atingidas com mais severidade, ficavam lado a lado na UTI. "Nós nos apegávamos um ao outro, como numa grande família. Era a única maneira de suportar aquilo tudo", lembra Eliana.

Da turminha, só sobreviveram ela e Paulo Machado, 43, que divide o quarto com a amiga e cuja história de vida também aparece no livro. "A Eliana é minha irmã, a minha família. Tem temperamento forte. Quando vejo que ela está brava,

coloco os fones de ouvido e fico na minha", diz.

Eles poderiam viver com suas famílias, com o apoio do hospital. Mas nunca houve interesse por parte delas. Os parentes raramente os visitam. "Não me magoo mais. Já sofri muito e hoje aprendi que cada um é cada um."

Eliana e Paulo passam a maior parte do tempo na internet. Ela gosta de sites de relacionamentos, de pintura e artesanato. Paulo é aficionado por cinema. Está envolvido na produção de uma animação cuja protagonista é Teca, o apelido carinhoso pelo qual cha-



Eliana Zagui (em primeiro plano), em foto sem data, na UTI do HC onde ficavam internadas também outras crianças com pólio

Arquivo Pessoal



ma Eliana. E, para ela, o amigo é o Teco.

Quando é necessário, ele faz as vezes de irmão mais velho. “Dias atrás, eu me irritei no Face [Facebook] e postei uma mensagem malcriada. O Paulo viu e me chamou a atenção”, conta Eliana, que chegou a ter 3.000 amigos virtuais. “Fiz uma limpa no final do ano e só deixei uns cem. Agora tenho uns 300, mas preciso limpar de novo.”

A saudade dos amigos reais, os quais viu morrer um a um, é o que mais a entristece. “Foram momentos tão bons. Mas não voltam mais.”

No livro, ela relata que flertou com o suicídio. “Avaliava as possibilidades: arrancar a cânula da traqueia com a boca,

cortar ou furar o pescoço.” E encerra com humor. “Descobrimos que até para morrer antes da hora precisamos da ajuda de alguém.”

Eliana diz que, volta e meia, essas ideias ainda a visitam, mas que hoje tenta aliviar suas angústias nas sessões semanais de análise.

Pergunto se sonha em viver na casa dos pais. “Não. Eu iria estagnar”, responde convicta. Mas, sim, ela sonha em morar fora do hospital.

Em dezembro último, pela primeira vez em 36 anos, passou o Natal fora do HC, na casa de amigos. Foi de maca e com respirador artificial portátil. “Foi uma experiência ótima, indescritível.”

Quanto ao livro, Eliana

Marisa Cauduro/Folhapress



Ainda internada no HC, Eliana Zagui, 38, lança seu primeiro livro, escrito com a boca

diz esperar que ele ajude “aqueles que não querem nada com a vida”. “É claro que cada um tem as suas dores. A minha desgraça não é maior que a sua nem a sua é maior que a minha. Mas é sempre bom

poder aprender a tirar o que vale a pena da vida.”

PULMÃO DE AÇO

AUTORA Eliana Zagui

PREÇO R\$ 36

PÁGINAS 240

EDITORA Belalettra

LEIA TRECHOS

O choro dos palhaços

“Dr. Giovanni [médico do HC] fazia o possível para diminuir em nós a sensação de isolamento. (...) Levou-nos a alguns passeios inesquecíveis. Providenciava tudo: ambulância, cilindros de oxigênio, respirador portátil.

Conhecer o circo era um sonho. Dr. Giovanni arrumou tudo, preparou a infraestrutura e nos levou - eu, Paulo, Tânia e Pedro - em duas ambulâncias. Mas naquela

tarde caiu um temporal, faltou público e o espetáculo foi cancelado. (...) O médico procurou o dono do circo, explicou a situação e o levou até nós, nas ambulâncias. A trupe nos maquiou e resolveu nos presentear com uma miniapresentação exclusiva. A choradeira foi geral. Os palhaços conduziram o show sob lágrimas.”

O abraço

“Adalberto [enfermeiro da UTI] foi protagonista de uma das minhas histórias mais marcantes.

Eu tinha apenas oito anos e chorava desesperadamente.

Ele entrou no quarto e perguntou o que estava acontecendo. Eu não sabia explicar. Solidão, tristeza, falta de carinho, dor. Tudo junto. Tentou me consolar, mas eu chorava cada vez mais. Adalberto então enfiou um dos braços por trás das minhas costas, me ergueu um pouquinho e me enlaçou com força. Foi uma sensação maravilhosa. Jamais havia ganhado um abraço. Até hoje, nem

mesmo meus pais jamais me abraçaram.”

Perspectiva horizontal

“Quem vive numa cama não tem a mesma perspectiva das outras pessoas. Depois de tanto tempo deitados, não conseguimos mais ver o mundo na vertical. No meu caso, a perspectiva é toda horizontal. Há anos, por problemas respiratórios, não posso mais usar nem travesseiro. Vejo o mundo de baixo para cima ou de lado. Não sei o que é olhar para baixo.”